

Turismo no Brasil: um gigante que desperta e impulsiona a economia



» FELIPE CARRERAS
Deputado federal (PSB-PE) e presidente da Frente Parlamentar em Defesa do Turismo

Valdo Virgo CB/DA Press



O Brasil, com sua beleza natural exuberante, diversidade cultural incomparável e povo acolhedor, sempre teve um potencial turístico latente. O setor de viagens viveu, em 2024, um ano de importantes marcos. Uma das conquistas mais emblemáticas foi o recorde histórico na chegada de estrangeiros: 6,7 milhões — número superior, inclusive, ao registrado nos anos em que o país sediou a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. Além do encantamento pelo país, os turistas deixaram, em solo brasileiro, US\$ 7,3 bilhões, o maior montante já registrado.

Os resultados expressivos do turismo, no ano passado, não são fruto do acaso. Eles refletem uma visão estratégica do governo federal, que tem investido em infraestrutura, promoção e qualificação profissional durante o governo do presidente Lula. O Ministério do Turismo tem desempenhado um papel fundamental na coordenação das políticas públicas para desenvolver o setor, gerenciando as ações de promoção internacional, via Embratur, e ampliando iniciativas de estímulo ao turismo doméstico.

Nunca se viu na história um governo que atua de forma verdadeiramente integrada para fortalecer o turismo, a maior indústria geradora de empregos e renda do país. Ministérios estratégicos, como o dos Portos e Aeroportos, do Turismo, do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, além da Embratur, trabalham em conjunto para impulsionar o setor, promovendo avanços estruturais, investimentos e políticas públicas alinhadas para potencializar o crescimento do turismo brasileiro.

O impacto do turismo na criação de empregos também é evidente. Apenas em setembro de 2024, o setor foi responsável por mais de 21 mil vagas formais, consolidando-se como um dos principais motores do crescimento econômico do país. Mas esse número é apenas uma fração de uma trajetória vitoriosa. Desde o início de 2023, são mais de 400 mil postos de trabalho gerados diretamente pela atividade turística, representando uma recuperação robusta e um marco para milhões de brasileiros que veem no turismo uma porta de entrada para oportunidades reais.

Cada nova vaga representa uma história de superação e crescimento. São famílias que voltam a ter estabilidade financeira, jovens que encontram no setor uma carreira promissora e pequenas comunidades que florescem economicamente com a chegada dos turistas. Do recepcionista do hotel ao guia turístico, do artesão local ao piloto de avião, o turismo sustenta negócios e fortalece a economia regional. O setor é uma locomotiva de inclusão social, distribuindo riquezas e provocando impactos positivos em diversas camadas da sociedade.

Parte desse crescimento também se deve ao Programa Emergencial de Retomada do Setor de Eventos (Perse), um incentivo fiscal histórico criado pelo Congresso Nacional. O Perse teve grande influência nos números divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Ministério do Trabalho, que apontam o turismo e os eventos como alguns dos setores

que mais geraram empregos nos últimos dois anos. Com esse programa, milhares de empresas do setor puderam retomar suas atividades, garantindo a continuidade de postos de trabalho e impulsionando a recuperação econômica nacional.

O setor aéreo, essencial para o turismo, também apresentou avanços significativos. Em 2024, o Brasil alcançou a posição de quarto maior mercado de voos domésticos no mundo, representando 1,2% do total global, segundo a Associação Internacional de Transportes Aéreos (IATA). A movimentação de passageiros em voos nacionais e internacionais cresceu consideravelmente, com 97,5 milhões de passageiros transportados entre janeiro e outubro de 2024. O governo federal também anunciou um apoio orçamentário de R\$ 4 bilhões para ampliar a conectividade aérea e fortalecer aeroportos regionais, garantindo melhores condições para o crescimento do setor.

Com uma infraestrutura cada vez mais robusta, o turismo no Brasil pode se fortalecer ainda mais,

especialmente em um ano em que o país sediará o mais importante evento sobre mudanças climáticas do mundo — a COP30 —, que colocará o Brasil em evidência, sobretudo a região Norte, estimulando o turismo local. Nesse cenário, vale destacar o potencial do segmento regenerativo, que foca na minimização do impacto socioambiental da atividade e oferece uma nova forma de vivenciar as experiências durante uma viagem ou passeio, beneficiando as pessoas e os lugares visitados.

Apesar do momento de ascensão, o potencial do turismo brasileiro está longe de ser esgotado. Com investimentos contínuos em infraestrutura, qualificação profissional, promoção, atração de novos negócios e aumento da conectividade doméstica e internacional, o setor pode se tornar um dos principais pilares do desenvolvimento econômico e social do país, gerando oportunidades para a nossa população. O Brasil está no caminho certo, transformando seu vasto potencial turístico em uma força real para a economia e para a sociedade.

O fortalecimento do professor do século 21 passa também pelo seu emocional



» SILVIA LIMA,
pesquisadora sobre formação de professores e gerente de advocacy do Instituto Ayrton Senna.

Em 2040, o Brasil pode enfrentar um “apagão de professores”: é o que apontam dados do Instituto Simesp, que indicou que, em 15 anos, podem faltar cerca de 235 mil profissionais nas escolas do país. Como resposta a esses desafios, recentemente, o Governo Federal anunciou o programa Mais Professores, que reúne diversas ações integradas para fortalecer a carreira docente no Brasil. Entre elas, foram anunciadas medidas para aprimorar a qualificação e a remuneração dos profissionais, a atratividade da carreira para os jovens e a formação continuada a todos os educadores. Em um país em que os professores enfrentam tantas dificuldades em sala de aula e têm um papel fundamental para o desenvolvimento social e econômico, promover políticas que fortaleçam essa profissão essencial, sem dúvidas, é fundamental.

Entretanto, é preciso ir além ao refletirmos sobre o papel do educador atualmente. A sala de aula sempre foi um espaço de possibilidades. Hoje, mais do que nunca, ela é palco de transformações profundas, que ultrapassam o aprendizado acadêmico dos estudantes para contemplar, também, dimensões socioemocionais dos alunos. É preciso desenvolver sua capacidade de trabalhar em time, empatia, resiliência, criatividade e tantas outras habilidades que são fundamentais para a vida. Nesse contexto, o papel do professor ganha novas dimensões, nas quais a mediação, a reflexão e a criação de conexões são essenciais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca o desenvolvimento destas competências que vão além do conteúdo: habilidades intelectuais, emocionais e culturais que preparam os jovens para os desafios do século 21. No entanto, o que muitas vezes não se percebe é que esse mesmo desenvolvimento também precisa ser assegurado entre os educadores. Afinal, um professor bem preparado emocionalmente é capaz de criar um ambiente de aprendizado mais acolhedor, criativo e produtivo.

De acordo com pesquisas feitas pelo Profissão Docente, cerca de 60% do desempenho dos estudantes está ligado à influência dos professores. Esses dados reforçam a importância de investir no professor, na sua formação e no fortalecimento das competências dos educadores, não apenas no âmbito técnico, mas também em aspectos, como autorregulação emocional, colaboração e inventividade.

Em mapeamento realizado pelo Instituto Ayrton Senna e a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo em 2022, 60% dos educadores da rede declararam que precisam de ajuda para desenvolver o autocontrole emocional, 50% gostariam de colaborar mais com seus colegas e 44% gostariam de ajuda da gestão para o gerenciamento do estresse. Quando apoiados no seu socioemocional, os educadores se tornam mais preparados para lidar com os desafios da rotina escolar, trocar experiências com outros educadores e também estão prontos para atuar no desenvolvimento socioemocional dos seus estudantes.

Considerando-se esse cenário, é preciso ajudar os professores a desenvolverem essas habilidades. Ter um professor bem preparado passa por considerar e cuidar da pessoa por trás desse profissional. Sem dúvidas, é preciso oferecer a ele a remuneração adequada, o acompanhamento e recursos necessários para a realização do seu trabalho e espaços de estudo, reflexão crítica sobre prática, formação permanente e aprendizagens entre pares; elementos essenciais e que contribuem com o desenvolvimento profissional docente. Mas, além disso, também é fundamental olhar para o seu emocional: afinal, quem cuida de quem cuida?

Algumas iniciativas do terceiro setor também têm olhado para essa questão: com base em sua expertise de 30 anos na formação de educadores, o Instituto Ayrton Senna lançou uma jornada formativa sobre socioemocional de professores. Na Humane, espaço digital gratuito de cursos, os educadores podem realizar uma trilha para identificar as competências que podem fortalecer e encontrar caminhos para esse desenvolvimento.

Para enfrentar as complexidades do mundo VUCA — volátil, incerto, complexo e ambíguo —, é necessário que o educador seja mais do que um conhecedor e transmissor de conhecimento. Ele deve se tornar um protagonista da educação integral, capaz de inovar em sua prática pedagógica e construir, junto com os estudantes, caminhos para a aprendizagem. Apoiar e contribuir com a formação permanente dos professores são essenciais para uma educação de qualidade. Por isso, deve-se desenvolver iniciativas que vão além de conteúdos acadêmicos, criando oportunidades para que educadores fortaleçam suas próprias habilidades e estejam mais preparados para formar gerações que transformarão o mundo.

Educar é mais do que ensinar. É inspirar, acolher e conectar-se. Ao valorizar o professor e investir em seu desenvolvimento, damos um passo essencial para transformar vidas, construir sonhos e acelerar o futuro.

Nova definição de obesidade clínica



» RICARDO COHEN
Médico, head do Centro Especializado em Obesidade e Diabetes do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, presidente mundial da Federação Internacional de Cirurgia da Obesidade e Distúrbios Metabólicos.

Você já deve ter ouvido falar que o índice de massa corporal (IMC) é usado para identificar a obesidade, certo? Pois bem, um grupo internacional de 58 especialistas — entre os quais eu tive a honra de participar — acaba de publicar, no The Lancet Diabetes & Endocrinology, uma nova forma de entender e diagnosticar a obesidade. A ideia é ir além do IMC, que nem sempre conta toda a história, e adotar critérios mais justos e precisos para avaliar o impacto da gordura corporal na saúde.

O consenso aponta que o IMC ainda é útil para triagem em larga escala, mas, no nível individual, é preciso confirmar o excesso de gordura por meio de exames, como a medida da composição corpórea (Dexa ou bioimpedância) ou medidas da circunferência da cintura e outras proporções corporais — sempre considerando a idade, o gênero e a etnia da pessoa. Para quem tem IMC acima de 40 kg/m², presume-se o excesso de gordura sem necessidade de testes adicionais.

Outra novidade importante foi a distinção entre obesidade pré-clínica e obesidade clínica. A pré-clínica é aquela em que há excesso de

gordura, mas sem prejuízos funcionais aos órgãos — embora o risco de desenvolver doenças como diabetes tipo 2, doenças cardiovasculares e certos tipos de câncer esteja aumentado. A obesidade clínica ocorre quando o excesso de gordura começa a afetar o funcionamento do organismo, causando sintomas, como a apneia do sono, dores articulares crônicas e dificuldades para a execução de atividades do dia a dia.

Para diagnosticar a obesidade clínica, é necessário confirmar o excesso de gordura e identificar a menos um dos seguintes critérios, como evidências de disfunção em algum órgão ou limitações significativas na realização de tarefas diárias. Os sinais clínicos variam de acordo com a idade. Em adultos, entre os 18 sinais e sintomas, foram incluídos a insuficiência cardíaca, acúmulo de gordura no fígado, comprometimento renal (microalbuminúria), incontinência urinária, síndrome dos ovários policísticos e dores articulares. Em crianças e adolescentes, são avaliados fatores como o desenvolvimento físico, metabólico e motor.

O tratamento da obesidade clínica, por meio de medicações ou cirurgia bariátrica, deve ser priorizado visando melhorar ou reverter os sintomas da doença, evitando danos permanentes no organismo. O acompanhamento médico deve ser contínuo, com reavaliações periódicas para ajustar o plano terapêutico conforme os resultados alcançados. No caso da obesidade pré-clínica, o foco é a prevenção, com orientações de saúde, acompanhamento regular e, em alguns

casos, prescrição de medicamentos ou cirurgia — especialmente quando há alto risco de progressão para a obesidade clínica. As mudanças no estilo de vida, incluindo uma alimentação equilibrada e a prática regular de atividades físicas, são fundamentais tanto na prevenção quanto no tratamento da obesidade.

Além das questões médicas, o documento publicado no The Lancet Diabetes & Endocrinology enfatiza a importância de combater o preconceito em torno do peso, que ainda impede muitas pessoas de buscarem o tratamento adequado. Profissionais de saúde e autoridades devem adotar uma abordagem mais empática e baseada em evidências científicas, deixando de lado estigmas e julgamentos. O acolhimento sem discriminação contribui não apenas para o sucesso do tratamento, mas também para melhorar a autoestima e qualidade de vida dos pacientes.

As novas definições também ajudam a orientar as políticas de saúde, públicas e privadas, garantindo que quem vive com obesidade clínica tenha acesso ao tratamento necessário, sem precisar apresentar outras doenças associadas. Essa mudança é crucial, pois reconhece a obesidade como uma condição de saúde independente, que merece atenção e cuidados específicos. Com essas mudanças, o objetivo é tornar o diagnóstico, o tratamento e a prevenção da obesidade mais eficazes, melhorando a qualidade de vida das pessoas e reduzindo o impacto dessa condição nos sistemas de saúde em todo o mundo.